TATUAGEM: O CORPO COMO LIVRO VIVO, UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO CONTO "O TEXTO TATUADO" DE SÉRGIO SANT'ANNA E O FILME "O LIVRO DE CABECEIRA" DE PETER GREENAWAY

Raul Ignacio V. Arriagada[1]

RESUMO: O presente texto tem como objetivo fazer uma análise intertextual da obra *O texto da tatuado* de Sérgio Sant'Anna e da obra cinematográfica *O livro de cabeceira* (The pillow book) de Peter Greenaway. A análise de ambas se faz pertinente por abordarem um tema em comum: a tatuagem. Contudo, a tatuagem à qual Sant'Anna e Greenaway se referem é a literária e não a que se vê por aí, carregada de modismos e simbologias particulares. Ambos os artistas, um escritor e o outro cineasta, veem o corpo humano como um campo de expressão no qual sensualidade, sexualidade e literatura caminham juntas e é difícil separá-las. Sérgio Sant'Anna oferece um conto no qual, Serge, um escritor em Praga é seduzido por um homem para que veja sua irmã gêmea nua, pois em seu corpo há um texto tatuado de um consagrado escritor. Greenaway, por outro lado, conta em seu filme a trajetória de Nagiko, uma bela modelo oriental que desde a infância recebia de seu pai uma benção, escrita em seu corpo, de felicidade a cada aniversário que celebrava. Na vida adulta, Nagiko procurará nos homens o prazer da escrita em seu corpo. Para ela, a vivência da sexualidade e a escrita em seu corpo serão uma coisa só. A tatuagem e a literatura ganham, nestas duas obras, uma nova dimensão que este artigo procurará estudar.

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Tatuagem. Sexo. Literatura. Cinema.

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem/ que é pra te dar coragem/ pra seguir viagem/ quando a noite vem... Os versos da famosa canção "Tatuagem" de Chico Buarque explicitam a vontade que temos, nós, seres humanos, de registrar o que somos e o que sentimos de uma maneira radical. Mas esse registro não é feito sobre um elemento material qualquer, talvez de vida curta – como o papel -, mas é realizado sobre a pele do corpo. É como se o corpo pudesse transmitir por meio da tatuagem o que sentimos na alma.

A tatuagem sempre existiu na cultura humana. Antes, de forma ritualística em alguns povos e tribos, para diferenciar castas sociais ou o poder hierárquico. Hoje, em nossos tempos modernos, como uma atitude. Para alguns, como moda; para outros, como um estilo de vida. A questão é que, independente das razões ou motivos, ter no corpo impressos – por meio da tatuagem - desenhos, signos e até textos nos leva a ver o corpo como um livro que conta uma experiência, um modo de ser, de ver e sentir o mundo.

[1] Raul Ignacio V. Arriagada é mestre e doutorando em Letras pela Universidade Mackenzie de São Paulo. É docente em literatura no curso de Letras na Faculdade São Bernardo, SP.

Revista Língua & Literatura	FW	v. 16	n. 26	p. 188-196	Recebido em: 31 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.

Por essa via, a tatuagem escapa de um julgamento precipitado, por onde andou até algumas décadas atrás marginalizando aqueles que portassem uma (marinheiros, presidiários, boêmios e bêbados). A tatuagem hoje é alçada à categoria de expressão artística com livros, publicações e galerias que a exaltam e promovem. E ainda que tenha se popularizado não deixa de exercer sobre os homens um fascínio. Talvez por ter como campo exclusivo a pele humana: esse tecido que reveste nosso corpo e nos revela os prazeres e as dores que sentimos. E mostrar uma tatuagem implica revelar o corpo. Implica revelar-se a si mesmo e ao outro.

É sobre essa revelação que o contista Sérgio Sant'Anna constrói uma narrativa erótica, intensa e misteriosa em "O texto tatuado". Publicado por primeira vez na revista literária GRANTA (2009), o escritor narra a aventura de Serge, um escritor e apreciador de arte, que estando em Praga chega até Jana, uma moça com o corpo tatuado por um texto inédito supostamente escrito por Kafka, por meio de seu irmão gêmeo Peter. É este Peter, uma espécie de dândi contemporâneo, que mergulha Serge num descendo vertiginoso pelo underground de Praga até sua belíssima irmã, detentora deste texto de conteúdo amoroso impresso em seu belo corpo. O texto havia sido tatuado em letras impressas fosforescentes, revelando uma sofisticação que precisava de uma determinada iluminação para ser lido. Contudo, Serge não fala alemão, a língua original do texto impresso. Dessa forma, Jana lhe traduz oralmente o texto em francês para que possa entendê-lo.

O que se segue, é um espetacular diálogo erótico que culmina com uma felação. Serge, no fim, duvida da originalidade do texto. Mas Jana argumenta tratar-se de um "texto de amor emergencial" revelando assim seu valor. E para rematar, questiona Serge indicando que ainda que fosse falso, não valeria pelo menos pela originalidade das letras fosforescentes tatuadas no seu corpo?

1 CONTEMPORANEIDADE E SENSUALIDADE

O conto "O texto tatuado" é uma narrativa contemporânea apresentando traços que a tornam peculiar: rápida e objetiva, mas abrigando em seu bojo "significados novos, ampliando seu aspecto simbólico" (PELLEGRINI, 2008, p. 14). São esses significados que tornam a narrativa de Sant'Anna intensa e interessante.

Desde o começo do conto temos como elemento a sedução. Ela aparece mediante a descrição do luminoso do bar "A dançarina" onde se encontra Serge no começo da narrativa. Ele faz a seguinte descrição: "A dançarina parecia ter sido inspirada numa espanhola, ou

numa cigana, ou numa mistura disso, ou nada disso". Para um leitor mais atento, a figura da espanhola e cigana remete imediatamente à figura de Carmen, a mulher fatal descrita por Mérimée em sua obra homônima e imortalizada na ópera de Bizet. Mas Peter faz uma descrição mais significativa do luminoso: "- Não acha interessante a dançarina vista daqui [do lado detrás do luminoso], exposta em seus mecanismos? Pessoalmente, amo mais a dançarina assim, nos bastidores, dissecada pelo avesso, suas costas cheias de ferragens, parafusos, recebendo luzes indiretas, suas coxas e seu sexo mecânico decifrados (...)". Há claramente aqui duas leituras da sexualidade feminina: a primeira é a da fantasia, da possibilidade do sexo (o luminoso de frente); e a segunda, é o sexo propriamente dito, na sua revelação total, nua e crua.

Peter, um dândi do século XXI, é quem dá o tom ao percurso erótico que Serge iniciará. E tal qual o luminoso, apresentará sua irmã Jana, sedutora num começo – revelando seu corpo por meio de uma porta entreaberta – para depois se despir totalmente e revelar o texto tatuado até nas partes mais íntimas e concluir o encontro na relação sexual.

O diálogo chulo que surge durante a relação de Serge com Jana, se firma como um elemento da narrativa contemporânea na qual a sutileza da modernidade e do romantismo foi abandonada totalmente. O diálogo direto, sujo, impiedoso, brutal já aparecera anteriormente em contistas como Rubem Fonseca, forte influência nos escritores contemporâneos de traços realistas. A narrativa contemporânea precisa traduzir "linguisticamente os códigos da urgência, da violência e do medo que determinam a cidade grande" (PELLEGRINI, 2008, p.19), não apenas para obter a verossimilhança com a realidade, mas também empurrada pelo que a televisão, o jornal e o cinema trazem como "realidade".

A descida de Serge pela cidade de Praga obedece a um ritmo quase frenético. Atrás do seu objeto de desejo – ler o texto tatuado no corpo de Jana – a personagem é guiada por Peter. Mas essa trajetória é também do leitor que vai acompanhando esse processo narrado em primeira pessoa, sentindo o que Serge sente e tentando descobrir se o encontro com Jana é uma cilada ou não.

Os acontecimentos não se fazem esperar, a narrativa flui "como nos contos populares (...), por interesse estilístico e estrutural, pela economia, o ritmo, a lógica essencial com que tais contos são narrados" (CALVINO, 2012, p.49). Em "O texto tatuado", Sérgio Sant'Anna adota a sequência analisada por Italo Calvino mas de uma maneira bem pessoal, sem se afastar das características que estruturam o conto: "- Bem, é por ali, estamos chegando – ele apontou para uma escada de uns cinquenta degraus, que começamos a descer. E a sensação

que tive era de que agora, mais do que nunca, chegávamos aos verdadeiros subterrâneos de Praga (...)". Este diálogo vem logo depois do último diálogo no bar "A dançarina" entre Serge e Peter. A sequência é separada por um pontilhado (.....) que indica a mudança de cenário e avança na narrativa. Esse avanço evita lugares comuns como "mais tarde", "saindo do bar", "depois" e agiliza a ação (ritmo) e ao mesmo tempo apresenta um recurso estilístico (o pontilhado) para indicar a mudança de cenário. Esse recurso acontecerá mais uma vez quando Serge já se encontra na casa de Jana. A "lógica essencial" fará o leitor perceber que o cenário mudou: os dois homens chegaram à casa de Jana, mas sem perder o fio condutor. Não encontramos no texto frases introdutórias como "Chegamos" ou "a casa era....". A "economia" narrativa descreve apenas o essencial para o leitor, sem deter-se em detalhes excessivos ou cansativos que poderiam encontrar melhor receptividade no romance. O conto, segundo Calvino, "exige uma agilidade da expressão e do pensamento" (2002, p.53).

"O texto tatuado" apareceu pela primeira vez na revista literária GRANTA em 2009. Contudo, a forte carga erótica foi amenizada quando foi definitivamente incluído em *O livro de Praga – narrativas de amor e de arte*, do mesmo autor pela editora Companhia das Letras. A supressão de alguns trechos e o desdobramento de outros não desqualifica o texto de Sant'Anna, hábil criador literário que seduz o leitor com sua narrativa enxuta e ágil e ao mesmo tempo constrói um conto intrigante e fascinante que prende seu leitor do começo ao fim. Para este estudo intertextual, tomou-se como referência o conto publicado na revista GRANTA.

2 DIÁLOGO COM O CINEMA.

Como acontece com muita frequência, a narrativa contemporânea dialoga com outras expressões artísticas (cinema, música, literatura, HQ, pintura...) enriquecendo de significados sua construção. Esta influência não pode ser tomada de maneira negativa uma vez que um escritor é também um sujeito de seu tempo e levará para sua obra toda esta carga cultural a que está exposto diariamente. Contudo, quanto maiores forem as referências, mais precisará de um leitor atento que possa compreender esse diálogo com as demais artes.

No conto que estamos analisando já vimos a referência à obra *Carmen* de Mérimée, mas o autor estabelece também um diálogo com o cinema duas vezes. A primeira é com o filme "O livro de cabeceira" do diretor inglês Peter Greenaway, sobre o qual nos deteremos mais adiante. E o segundo é com o filme *Blue Velvet*, de David Lynch.

Na sequência em que os dois homens se dirigem à casa de Jana, passam pelos subterrâneos de Praga. É nesse momento que o filme de Lynch é citado:

> - Está ouvindo alguma coisa? – Peter perguntou.
> - Ah, me fascina esse silêncio nesse lugar. Mas espere aí, ouço uma música longínqua, que não me parece estranha. E a voz que canta...
> - Vem de um cabaré distante, o Blue Moon. E a música é *Blue Velvet*, como no filme de Lynch. Tão bonita que é difícil não sentir uma agulhada no coração. E se você encostar um dos ouvidos no chão, tapando o outro, terá uma surpresa. Quer? (SANT'ANNA, 2009, p. 50).

A referência ao filme de David Lynch não é gratuita. Em "Veludo Azul" (*Blue Velvet*), filme de 1986, Lynch conta a história de Jeffrey, um rapaz da pequena cidade de Lumberton que motivado pelo macabro encontro de uma orelha decepada num terreno baldio, começa uma investigação que o leva ao "submundo" da cidade por meio de uma misteriosa mulher, Dorothy, cantora de uma boate que tem em seu repertório a canção *Blue Velvet*, clássico da canção norte-americana. O filme foi um marco na década de 1980 e não perdeu sua força no decorrer dos anos.

Lynch fez um filme memorável ao apresentar um jogo de aparências. Para o diretor, toda beleza e harmonia esconde em seu interior um lado sombrio, sórdido e intrigante. "*Veludo azul* é uma visão da vida colhida por olhos impregnados de desejo. Há algo nele de elusivamente sedutor, como se seus esquemas de cores, seus ritmos inventivos e suas imagens pandemônicas se destinassem a mascarar uma tração subliminar, arrastando-nos sem o nosso consentimento consciente" (ATKINSON, 2002, p. 92).

Assim como no filme *Veludo azul*, o conto relata a descida de uma personagem (Serge) para o submundo levando-a para o desconhecido de uma maneira assustadora, mas, ao mesmo tempo, sedutora.

3 TATUAGEM NO CINEMA

O diálogo mais explícito que ocorre entre o conto de Sérgio Sant'Anna e o cinema acontece com o filme de Peter Greenaway *O livro de cabeceira* (*The pillow book*, 1996). Peter Greenaway é um cineasta e artista plástico inglês que renovou a linguagem cinematográfica ao inserir em seus filmes elementos estéticos de outras expressões artísticas e tecnológicas fazendo da sétima arte também um espetáculo visual. "Para ele, o cinema tem tantas possibilidades de sentido, tantos modos de organização, que os filmes não têm

necessariamente de ser arranjados apenas em termos narrativos (...)" (MERTEN, 1995, p.107).

Em 1996, Greenaway realizou o filme *O livro de cabeceira***,** o qual conta a história de Nagiko, uma bem sucedida modelo japonesa que desde a infância tinha seu corpo pintado pelo seu pai, um caligrafo talentoso, a cada aniversário seu. Em seu corpo o pai escrevia (pintava) uma benção, uma felicitação. Mais tarde, com a morte de seu pai ela tenta encontrar o homem que além de amá-la continue a tradição de escrever em seu corpo. Após um casamento infeliz e de muitas tentativas frustradas, ela encontra tal homem na figura de um tradutor (Jerome), um jovem inglês que fala inglês, francês, japonês e também iídiche.

A relação começa desastrada, mas ao contrário dos amantes anteriores, Jerome pede a Nagiko que lhe ensine então como pintar no corpo da maneira correta. Com a ajuda de Jerome, Nagiko percebe que pode perpetuar o oficio de seu pai tornando-se uma escritora utilizando o corpo dos homens como meio, como se fossem folhas ou livros. "O livro de cabeceira" é também uma história de amor e vingança: Nagiko se vingará do editor que extorquiu e violentou seu pai e mais tarde pela profanação do corpo de Jerome.

A vingança de Nagiko virá na forma de 13 homens nus que se apresentarão ao vil editor como livros. Cada um deles aparece em dia e hora indeterminado e com um texto pintado em seu corpo. Em cada texto há uma mensagem sobre uma determinada transgressão feita pelo editor e assim surge "O livro do idiota", "O livro da impotência", "O livro do exibicionista", "O livro dos segredos", "O livro do traído" etc. até culminar com o último dos livros, "O livro dos mortos". A beleza e o cuidado de cada "livro" faz com que o editor chame sua equipe de calígrafos para copiar cada um para conservá-lo. Nagiko, contudo, torna-se uma caligrafa apurada e o texto precisa ser "procurado" no corpo de cada um dos homens enviados. Em um está na ponta dos dedos, em outro na língua, em outro no íntimo das nádegas e até nas pálpebras outro aparece. Esse apuro revela o cuidado e a minúcia à qual Nagiko chegou, superando seu pai; revelando ainda que um texto pode estar em cada parte do corpo do homem, assim como os misteriosos e pequenos livros impressos estão escondidos ou guardados em lugares impensados.

Explica-se também o fato de Nagiko ter escolhido treze homens ao invés de mulheres: o editor é homossexual. Ora, sabe-se que "a sexualidade é o lugar da identidade humana" (Sant'Anna *apud* Canton, 2013, p.43), por isso seria descabido que não fossem homens que tivessem seus corpos pintados. Os treze homens que chegam até a porta dele são os mais diferentes tipos (alguns altos, outros baixos, magros ou gordos, belos ou feios, orientais e

ocidentais) assim como o formato dos mais diversos livros que há numa livraria ou numa biblioteca. E é no corpo de cada um deles que o editor precisa encontrar o texto enviado. Os homens que servem como modelos para a finalidade de Nagiko chegam como "livros", mas também como mensageiros. Os temas dos textos tatuados não são gratuitos, são carregados de intenções que o editor vai assimilando. Ele sabe que é o único destinatário dessas obras impressas em corpos humanos. Reconhece o dom de Nagiko e, de certa forma, aceita seu destino a medida que os "livros" vão lhe revelando suas faltas e maldades. Por isso não se surpreende e resigna-se quando recebe o décimo terceiro homem, o que lhe traz o último texto, é ele quem lhe dará morte. Realiza-se, assim, a vingança de Nagiko.

O filme conecta a leitura, a grafia e a literatura com o corpo humano – como se esta fosse uma folha de papel. "Trate-me como a página de um livro" é o que Jerome diz para Nagiko, resumindo assim a finalidade de seu corpo. E nesse diálogo podemos traçar também um paralelo entre o conto "O texto tatuado" com o filme de Greenaway, rico em cores, imagens e sons. Ambas as obras – o conto e o filme – têm no corpo tatuado o seu mote.

Segundo o historiador e crítico de cinema Roland Bergan, Greenaway supera "as limitações do cinema criando um mundo intertextual baseado em outros meios e artes". Cinematograficamente, "O livro de cabeceira" segue essa tendência teorizada por Bergan ao relacionar cinema com a arte da caligrafia e a literatura, fugindo, desta forma, da estrutura convencional. Como foi comentado acima, Greenaway trabalha muito com a estética, justamente por ser um cineasta vindo das artes plásticas. Assim, o que vemos em "O livro de cabeceira" é um filme rico em imagens, de belas cores e tons e uma perfeita trilha sonora adequada a cada situação enriquecendo a trama de sentidos. Um exemplo é a alternância de cores indo do preto-e-branco, como nos filmes antigos (para contar o passado de Nagiko: nostálgico, acolhedor e seguro) e as cores vivas e fortes das passarelas da moda. Destacam-se também as cenas em que o editor recebe cada um dos homens-livros: o cenário é escuro ou pouco iluminado e a luz recai sobre cada corpo masculino revelando o contraste da grafia na cor da pele.

A trama de Greenaway termina com o nascimento do filho de Nagiko, fruto do seu relacionamento com Jerome. Ao pintar no corpo da criança uma benção, Nagiko mantem o costume do seu pai, mas também a descoberta feita por ela, de que o corpo humano pode ser tratado como uma folha de papel, como um livro. Greenaway fecha seu filme com as imagens do corpo nu de Kagiko e a de uma mesa e sobre elas aparece uma legenda que diz "Carne e escrivaninha escrevendo sobre o amor".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza do filme de Greenaway e do conto de Sérgio Sant'Anna permitem ainda várias outras análises, principalmente literárias. Uma delas seria a da sexualidade sem culpa, o corpo livre para realizar nele o que se quer. No entanto, o escopo deste ensaio foi traçar a intertextualidade do texto com o cinema. Resumidamente, podemos reuni-los em cinco itens: Ambas as expressões exploram a literatura e o erotismo; O corpo é um livro para ser lido e explorado; A leitura do livro revela a personagem; O campo da escrita sai do convencional papel impresso para se manifestar no corpo; Ao surgir no corpo, a leitura ganha outra dimensão.

Em uma entrevista concedida, Greenaway dizia: "O que tenho tentado fazer é uma aproximação de todas as formas de comunicação" (MERTEN, 1995, p.108). A sua afirmação, posso arriscar a dizer, é que Sérgio Sant'Anna conseguiu como contista contemporâneo brasileiro em "O texto tatuado".

TATUAJE: EL CUERPO COMO LIBRO VIVO, UN ANÁLISIS COMPARATIVO DEL CUENTO "O TEXTO TATUADO" DE SÉRGIO SANT'ANNA Y EL FILM "THE PILLOW BOOK" DE PETER GREENAWAY

RESUMEN: El presente texto tiene como objetivo hacer un análisis intertextual de la obra *O texto tatuado* [el texto tatuado] de Sérgio Sant'Anna y la obra cinematográfica *The pillow book* del director Peter Greenaway. El análisis de las obras se hace pertinente por abarcar un tema en común: el tatuaje. Sin embargo, el tatuaje a que Sant'Anna y Greenaway se refieren es el literario y no el común, que se ve por ahí, cargado de modismos y simbologías particulares. Ambos artistas, uno escritor, y el otro, director de cine, ven el cuerpo humano como un campo de expresión en el cual sensualidad, sexualidad y literatura caminan juntas y es difícil separarlas. Sérgio Sant'Anna nos ofrece un cuento en el cual, Serge, un escritor en Praga es seducido por un hombre para que vea su hermana melliza desnuda en cuyo cuerpo hay un texto tatuado de un consagrado escritor. El camino hasta el local donde reside la mujer del texto tatuado es una bajada al *underground* de Praga, un trayecto oscuro y sinuoso, pero fascinante. Greenaway, por otro lado, nos cuenta en su película la trayectoria de Nagiko, una hermosa modelo oriental que desde la niñez recibía de su padre una bendición de felicidad a cada cumpleaños que celebraba. Esta bendición era escrita en su cuerpo. Ya adulta, Nagiko buscará en los hombres el placer de la escrita en su cuerpo. Para ella, la vivencia de la sexualidad y la escrita sobre su cuerpo será una sola cosa. El tatuaje y la literatura ganan en estas dos obras una nueva dimensión que este artículo buscará estudiar.

PALABRAS-CLAVE: Texto. Tatuaje. Sexo. Literatura. Cine.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Michael. *Veludo azul.* Trad. Pedro K. Vasquez e José L. de Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

BERGAN, Ronald. *Cinema.* Trad. Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 301.

AUGÉ, Marc. *Não lugares* – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas: Papirus, 2013.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio.* Trad. Ivo Barroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CANTON, Kátia. *Corpo, identidade e erotismo.* São Paulo: Martins Fontes, 2013.

DURALDE, Alonso. *101 must-see movies for gay men.* Nova York: Advocate Books, 2005. p. 165-166.

MÉRIMÉE, Prosper. *Carmem.* Trad. Roberto Gomes. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MERTEN, Luiz Carlos. *Cinema, um zapping de Lumière a Tarantino.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

O LIVRO DE CABECEIRA (*The pillow book*). Produção Sony Pictures. 1996. (126'). color. Sony Pictures Home Entertainment. DVD.

PELLEGRINI, Tania. *Despropósitos:* estudos de ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Annablume, 2008.

SANT'ANNA, Sérgio. "O texto tatuado". In: GRANTA, em português/4, outono 2009. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.

_____. *O livro de Praga* – narrativas de amor e de arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 102-122.